

VOÇOROCAS OU BOÇOROCAS

Ainda criança, tomei conhecimento da existência das voçorocas na cidade, enormes ravinamentos provocados pela ação do homem sobre o território e pelas águas pluviais, lesões no solo da cidade que cortavam bairros e colocavam construções e pessoas em perigo ao seu redor. A primeira foi defronte a casa dos meus avós na Rua Ângelo Pedro, era um buracão enorme onde a gente brincava escondido dos pais. Caso descobertos, a chinela era certa. Oriundo do tupi-guarani *ibi-çoroc*, significa terra rasgada, é um dos tipos de erosão causados pelas chuvas. Naquele tempo, sempre usávamos voçoroca, mas anos depois apareceram revisionistas usando boçoroca. Os dois estão corretos, como taberna/taverna.

No começo dos anos 60, com a turma de moleques da Rua Júlio Cardoso, a gente andava quilômetros para brincar na voçoroca do Pestalozzi ou das Maritacas. Essa última era uma beleza: guardadas as proporções, a erosão criou uma espécie de cenário do velho oeste com canyons profundos com 15, 20 metros de profundidade, formações que lembravam aquela icônica paisagem norte-americana de Monument Valley que sempre aparece nos filmes de cowboy. Para a molecada era uma festa subir e descer aquelas encostas, tinha mato e água lá dentro, dava para passar uma tarde brincando de índio e soldado. Era perigoso também, mas isso era irrelevante, só os pais não podiam saber.

Anos depois, quando fui trabalhar na prefeitura, tudo mudou. O objetivo era acabar com as voçorocas, a cidade crescia desmesuradamente e aqueles “buracões” eram impeditivos para melhorar a vida de quem vivia no entorno, jogava-se lixo e entulho de construções dentro deles sem nenhum controle, além da insegurança às construções vizinhas e crianças que brincavam por ali. O professor Aziz Ab’Saber, que estudava o problema, havia proposto a transformação das voçorocas em parques municipais durante a elaboração do primeiro Plano Diretor da cidade, no final dos anos 60.

A partir da passagem de Aziz por aqui, a professora Neuza Machado Vieira da Faculdade de Filosofia local (que se tornaria a UNESP) começou a estudar as voçorocas. Fez seu doutorado em Geografia, defendido em 1974 na própria Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Franca com o trabalho “Estudo geomorfológico das boçorocas de Franca – SP”, orientada pelo professor Antônio Christofolletti, renomado pesquisador e professor da UNESP de Rio Claro.

Naquela época, recém-formado, comecei a lecionar na Faculdade Pestalozzi e estava interessado no desenvolvimento urbano da cidade. Fui assistir a defesa da tese da professora Neuza, nunca havia visto uma. Diante de uma mesa enorme, vi os participantes da banca metralharem o trabalho e ao final a aprovarem com louvor. Pouco tempo depois, Neuza publicou o livro com os resultados da tese, está até hoje em minha biblioteca.

Durante minhas duas passagens pela prefeitura de Franca, como arquiteto e como secretário, tive a oportunidade de elaborar propostas e ações para que as voçorocas fossem gradativamente desaparecendo da paisagem urbana e da prioridade ambiental. Numa delas, a do Jardim Líbano, fizemos uma intervenção enorme que eliminou definitivamente a grande voçoroca do local que deveria ter sido transformada no “Parque Lúcio Costa”, infelizmente não

ocorrida até hoje. A das Maritacas onde brinquei na infância, também prevista como parque pelo Plano Diretor, ocupada com um aterro industrial até hoje tem um passivo ambiental e permanece à espera de solução. Eu também espero, desde os tempos de criança.

Mauro Ferreira é arquiteto